

CEASM: A ESCOLA COM PARTIDO

Lourenço Cezar da Silva¹

Resumo: Este artigo é fruto de uma pesquisa em andamento no Núcleo de Estudos e Pesquisa Sociais da Maré – NEPS, da Maré, no Rio de Janeiro. O mote é a educação em espaço não formal e trata dos problemas enfrentados nas favelas tendo como referência o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré - CEASM que há 23 anos, atua na formação de novos quadros de ativistas das causas sociais. A centralidade está nas estratégias de enfrentamento na atual conjuntura, onde a crise sanitária e política impacta sua forma de intervir. Ganha importância a adesão da juventude favelada e as referências que animam a conformação de uma coletividade politizada e combativa.

Palavras-chave: Favela; CEASM; Educação não formal; Escola sem partido; Maré.

CEASM, LA ESCUELA CON PARTIDO

Resumen: Este artículo es parte del resultado de una investigación en curso en el Centro de Estudios e Investigaciones Sociales de Maré - NEPS, en Maré - Río de Janeiro. El lema es la educación desarrollada en espacio no formal y trata la problemática que se enfrenta en las favelas con referencia al Centro de Estudios y Acciones Solidarias de Maré - CEASM, que desde hace 23 años, trabaja por la formación de nuevos cuadros de activistas de causas sociales. La centralidad está en las estrategias de afrontamiento en la situación actual, donde la crisis sanitaria y política incide en la forma en que interviene. Cobra importancia la adhesión de la juventud de la favela y los referentes que animan la formación de una colectividad politizada y combativa.

Palabras clave: Favela; CEASM; Educación no formal; Escuela sin partido; Maré.

A notícia de uma crise sanitária, impactou o mundo e esse fenômeno que esbarra nas demandas de saúde pública, passou a fazer parte de nossas preocupações indicando a emergência de uma pandemia e atingindo, a cada dia, novos países, causando perdas de milhares de vida. Inicialmente, vimos crescer os números dos óbitos na China. Acusados de cometer atentados aos Direitos Humanos, por parte da imprensa internacional, com notícias falsas, sobre o real número de mortos, a verdade é que os chineses surpreenderam o mundo com as estratégias de prevenção e de monitoramento do processo de contaminação. O êxito foi visto com surpresa por parte de muitos gestores públicos que, começaram a perceber a evolução do Covid-19, em seus respectivos países. E a raiz dessa preocupação não estava essencialmente na letalidade, mas na forma pela qual a China lidou com o desafio. Pelo seu modelo de socialismo, o país sofre com o ataque de forças capitalistas tendo em vista as



discordâncias e disputas por liderança na conformação geopolítica mundial. Não obstante, foi com esse sistema que o país alcançou os resultados já conhecidos, no combate.

Dentre as lideranças mundiais, a primeira a se antecipar e anunciar um recuo ao modelo neoliberal, segundo Charleaux (2020), foi o presidente da França, Emmanuel Macron que, em 12 de março, se pronunciou na TV e defendeu um “Estado-providencial”, com oferta de “saúde gratuita sem distinção econômica”. Macron é um político de centro direita e defensor do mercado financeiro, área onde fez carreira e, em defesa de sua mudança de estilo, afirmou que “há bens e serviços que têm que estar colocados fora dos interesses do mercado”. E assim o fez, sendo acompanhado por diversos países europeus que mobilizaram recursos para garantir acesso ao sistema de saúde pública, proteção aos empregos e salários, bem como as empresas. E, ainda, ampliação da rede de assistência social em caráter de emergência.

Tais esforços foram chamados de “esforços de guerra” e fez romper, rapidamente, com o discurso em voga, sobre a necessidade de se retirar, ainda mais, direitos sociais, a fim de combater a crise do capitalismo mundial - que se arrasta desde 2008. No desenho desse novo estado de coisas, não se notou, de imediato, a preocupação com os territórios mais vulneráveis, como é o caso das favelas. Esses espaços, há mais de um século, sofrem com o papel desempenhado pelas mídias por criarem um imaginário negativo, de forma espetacularizada, conforme adverte Fernanda Sánchez (2001, p.36), criando “verdades” que acabam contribuindo para representações acerca de sua presença, dentro da cidade. A favela produz signos de bem-estar e satisfação no consumo dos espaços de lazer, cria comportamentos e estilos de vida e promove a valorização (ou desvalorização) de lugares, bem como os usos considerados adequados. Em outras palavras, celebra os novos territórios transformando-os em espetáculo e isso é importante para entendermos como se constrói representações sobre os diferentes lugares, bem como sobre as pessoas que vivem nesses territórios. Em nossos percursos formativos, aprendemos com Paulo Freire (2014, p. 45), que “carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós”.

As demandas locais, na Favela da Maré, devem ser analisadas juntamente com as urgências observadas em todo o planeta. Portanto, um aspecto revelador, nesse processo de avaliar as prioridades na crise sanitária, é que o debate sobre Estado mínimo foi colocado para escanteio. Segundo João Paulo Charleaux (2020), países como os EUA, sem sistema de saúde universal, devem exigir de seus gestores, uma atitude para amenizar suas perdas. Donald Trump procurou a indústria farmacêutica e de planos de saúde e exigiu esforços no combate a

COVID-19; também enviou ao Congresso um pacote de US\$ 850 bilhões para amenizar o impacto econômico. Assim como o presidente estadunidense, o presidente brasileiro minimizou os efeitos da pandemia se negando a se preparar e coordenar esforços de combate.

Pode-se constatar que no caso brasileiro, a pandemia se associou aos problemas políticos e econômicos criando o que setores da mídia chamam de tempestade perfeita. Conseqüentemente, o país registrou 100 mil mortes, no início de agosto. Entre avanços e recuos, os governos estaduais e municipais do Rio de Janeiro não foram exemplos no encaminhamento de soluções. E das medidas para conter o impacto da pandemia tivemos: o funcionamento de alguns setores do comércio e da indústria permaneceram apenas em determinados horários específicos para evitar aglomerações. A medida determinou que fossem suspensas as aulas presenciais das redes de ensino estadual, municipal e privadas. O transporte rodoviário foi um dilema por divergências por todos os lados.

Uma das medidas das mais importantes foi o fechamento das escolas, e isso é sobretudo pelas recomendações acerca das formas de se evitar maiores perdas pelos efeitos que o contato apresenta. Enquanto alguns segmentos do campo econômico e empresarial buscaram provocar o fim das medidas, para diminuir os impactos econômicos, outros setores procuraram analisar os riscos que a crise ofereceu para as populações que têm seus filhos em idade escolar.

O impedimento das atividades e a conseqüente interrupção do processo de aprendizagem, principalmente para crianças, adolescentes e jovens, com alta vulnerabilidade, gerou grandes transtornos. Muitas são as críticas feitas aos governos que tentaram manter o processo educacional por meio remoto, pois essa forma de ensino aprendizagem exige das famílias uma mudança estrutural que não é acessível para todos os estratos da sociedade. Além do impacto no processo educacional, o fechamento de unidades escolares provocou, também, o não acesso a uma proteção social oferecida pela escola que vai para além dos conteúdos educacionais. A importância da merenda escolar aos grupos mais vulneráveis tem sido objeto de muitos estudos a ponto de ser quase um consenso entre os especialistas. A possibilidade de ter uma alimentação saudável garantida dentro da escola contribui para amenizar os impactos da pobreza e num momento de pandemia como a atual o fechamento dos estabelecimentos educacionais agrava ainda mais a situação das populações mais pobres. Além desse ponto, percebemos que temos outros aspectos também relevantes, como a questão do tempo de duração da pandemia.

Podemos, no caso do Rio de Janeiro, recuar algumas décadas para mencionar a luta pelo acesso ao sistema público de ensino, nesses processos de sobrevivência em

contextos de maior vulnerabilidade social. Assim, podemos ampliar o debate com alguns aspectos alinhados com o eixo da educação popular. A pesquisa de mestrado em Educação (UFRJ, 2018) apresentou problemáticas da ação coletiva e incluiu a experiência de morar na Favela da Maré. Incorpora questões acerca do papel que a escola desempenhou para a população daquela área e questões sobre como poderemos, a partir dessa interpretação, sobre a intervenção da juventude politizada, vislumbrar os potenciais desafios que poderemos enfrentar no pós-pandemia. Devemos por isso, recuperar os caminhos que foram encontrados e também o papel decisivo da escola nos anos de 1970 e 1980. Ao considerarmos esses achados, que perpassam um quadro situacional avassalador, podemos imaginar o impacto econômico nas vidas de famílias pobres com dificuldades de manter seus empregos e ainda com filhas (os) em casa com um consumo muito além do já esperado, posto que não podem utilizar os benefícios sociais oferecidos pelas instituições escolares, como é o caso da alimentação.

Chegada da pandemia nas Favelas

As favelas, do Rio de Janeiro, são pouco conhecidas para as (os) cariocas e para as (os) estrangeiras (os). É comum as pessoas que não conhecem o território, associá-lo a um local miserável, um lugar onde ainda se vive em barracos de madeira (ou de zinco), sem água encanada, esgoto a céu aberto, ausência de energia elétrica, um universo homogêneo, marcado pela irregularidade na ocupação do solo e, pela precariedade - em termos de serviços públicos e equipamentos urbanos. Como afirma Pierre Nora (1993), esses lugares constituem os lugares de memória, pois são cercados de símbolos em que a presença de rituais garante unidade na coletividade. E o que não falta em um lugar tão densamente povoado, feito a Maré, são símbolos e rituais. Segundo Manuel Castells (1999, p.79):

As pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja ele a vila, a cidade, o subúrbio, formando redes sociais entre seus vizinhos. Por outro lado, identidades locais entram em intersecção com outras fontes de significado e reconhecimento social, seguindo um padrão altamente diversificado que dá margem a interpretações alternativas. (...) O provável argumento dos autores comunitaristas, coerente com minha própria observação intercultural, é que as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural, comunal.

Esta percepção equivocada acerca da conformação tipográfica, da favela, se estende ao seu morador - o favelado -, que por sua vez, pode ser representado como um ser de um outro grupo social, destoante e distinto, do resto da sociedade. As ações que vimos empreendendo estão na contramão desses estigmas que segundo Erving Goffman (1988, p.11) são sinais com os quais se procura evidenciar alguma coisa sobre o *status* moral. Quanto ao sujeito estigmatizado, Goffman acrescenta:

Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância entre a identidade virtual e a identidade social real (GOFFMAN, 1988, p. 12).

A luta na contracorrente exige contradiscursos e crítica onde os espaços educacionais são entendidos como de hierarquização. As melhores opções no país, são de lugares reservados para um segmento privilegiado e, portanto, reforçam as supremacias ideológicas com um tipo de reprodução bem teorizada nos estudos de Pierre Bourdieu (2004). E assim como os espaços educacionais, outros setores cumprem as mesmas tarefas de garantir distinção, nos termos que o autor trabalha:

Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições. Essas estratégias orientam-se seja para conservação da estrutura seja para a sua transformação, e pode-se genericamente verificar que quanto mais as pessoas ocupam uma posição favorecida na estrutura, mais elas tendem a conservar ao mesmo tempo a estrutura e sua posição, nos limites, no entanto, de suas disposições (isto é, de sua trajetória social, de sua origem social) que são mais ou menos apropriadas à sua posição (BOURDIEU, 2004, p. 29).

Ou seja, existem diferentes mecanismos para se ratificar as formas de distinção social. Para muitos o sujeito favelado é sinônimo de marginal, de violento e de ocioso. Nesse sentido, a população local passa a ser responsável por grande parte dos problemas da chamada “cidade legal” como, a violência, o desmatamento, a poluição e até mesmo responsável pela fuga de indústrias e empresas do Rio de Janeiro. Também é acusada de promover agressão estética à cidade maravilhosa.

Nem de longe, essas visões correspondem à realidade desses espaços e tão pouco contribuem para melhoria da situação. A população alcança, hoje, aproximadamente, 6,2 milhões de moradores, com quase 1/5 vivendo em favelas (IBGE, 2003). Dispersas indistintamente por todas as regiões, as favelas têm conformações variadas, podendo se

localizar em morros, terrenos planos, áreas alagadiças, entre outros, já quanto ao seu tamanho, podem atingir amplas escalas e diversos graus de consolidação. Os dados sobre a composição demográfica nos permitem afirmar que o favelado carioca tem as mesmas origens regionais do carioca que não mora em favelas. Ao mesmo tempo, nos estudos de Andreino Campos (2010, p.62) sobre os quilombos e as favelas o autor aponta “a favela surge no cenário urbano do Rio de Janeiro, conforme já afirmamos, sem estar contextualizada e um processo social, mas como resultado de fatos espaciais e temporalmente delimitados”. Na sua tese, o autor faz a seguinte argumentação:

[...] uma das possibilidades é compreender a favela como uma transmutação do espaço quilombola, pois, no século XX, a favela representa para a sociedade republicana o mesmo que o quilombo representa para a sociedade escravocrata. Um e outro guardando as devidas proporções históricas, vem integrando as “classes perigosas”: os quilombos, por terem representado, no passado, ameaça ao Império e os favelados por se constituírem em elementos socialmente indesejáveis após a instalação da República (CAMPOS, 2010, p. 64).

No que se refere às religiões, encontramos nas favelas as mesmas práticas encontradas no resto da cidade: adeptos das religiões de matrizes africanas, protestante, cristãos, não cristãos, católicos. As percepções morais, o certo e o errado, os projetos de futuros, as expectativas, a necessidade de inserção qualificada na sociedade moderna através do conhecimento, são aspectos diferenciadores entre os moradores de favela e os não moradores, ressaltando o capital econômico de cada grupo. As expressões culturais se comparam as mesmas do Estado. O que se apresenta de elemento diferenciador entre a favela e os espaços não favelados é o acesso aos serviços e equipamentos públicos.

E qual o impacto da Covid-19 nas favelas? Como esperar o combate a um vírus tão letal em um lugar onde tarefas simples de higiene, como lavar as mãos e manter-se no isolamento social (em casas pequenas e ou em favelas onde até a circulação do ar é prejudicada) estão entre os maiores limites para essas coletividades? Segundo dados de pesquisa realizada pelo Instituto Data Favela e pela Locomotiva (JUCÁ, 2020), a possibilidade de exigir que um morador de Favela faça o isolamento se ausentando do trabalho por uma semana, pelo menos, poderia impactar na vida de 72% dos moradores. Fatores como esses explicam por que - nas favelas do Rio que não contam com a ajuda efetiva do município do Rio -, o afrouxamento tem ocorrido de forma muito rápida.

As questões socioambientais, já problematizadas por outros especialistas, nos reorientam a pensar o desafio que chega de modo avassalador. E, as indagações de Claudia Miranda (2015, p.227), diretora-fundadora do CEASM, são também as nossas: “Como a

invisibilidade dos já reconhecidos quilombos urbanos emerge como um desafio para a crítica que fundamenta a Educação Ambiental e como pode mobilizar os sujeitos diretamente implicados nessa arena de disputa pela vida?” Na análise de Miranda (2020, p.17) “os movimentos sociais estão promovendo campanhas internacionais para convocar o planeta em uma reconfiguração da pertença social. Em todos esses contextos, encontramos pessoas comprometidas com a reformulação de agendas emancipatórias” e essa movimentação é vista, também, na Maré. A autora faz a seguinte afirmação:

Nos processos de insurgência, a dinâmica da comunidade é aquela que se destaca. É uma tarefa coletiva fazer novas perguntas sobre como encontrar alternativas de resistência e sobre o resgate da memória de lutas, que devem estar relacionadas às demandas atuais de humanização [...]. São os territórios da classe trabalhadora, favelas e conglomerados, que refletem a condição socioambiental da grande parte das populações racializadas (MIRANDA, 2020, p.18).

Podemos considerar, portanto, que a juventude formada, inicialmente, pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré - CEASM, tem sido protagonista de um contra discurso potencializador e que reverbera, hoje, internacionalmente, como ocorreu com a atuação da ex aluna Marielle Francoⁱⁱ (1979-2018) e com a performance da atual Deputada, no Rio de Janeiro e também ex aluna, Renata Souzaⁱⁱⁱ.

No PNAD - Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (MENDONÇA, 2019), fica evidente o tamanho do nosso desafio, pois para 50% da população, o valor de R\$ 413,00 (reais) tem sido a renda per capita para mais de 100 milhões de pessoas. Mesmo sabendo desses números, o governo sinalizou inicialmente, para um auxílio emergencial de apenas R\$ 200,00, um valor pífio e ineficaz para alcançar a demanda da população mais pobre. Nesses primeiros dias de análise conjuntural, a proposta incluía a distribuição de um cupom de compra com valor semelhante ao Bolsa Família, que oscila entre R\$ 89,00 e R\$ 205,00, gerando um gasto em torno de R\$ 15 bilhões de reais - valor 11 vezes menor que a ajuda oferecida aos bancos que foi de R\$ 161 Bilhões.

Comparado ao valor oferecido por governo de outros países, com economia menor que a brasileira como demonstra Collaço, (2020), esse valor parecia um descaso e ajudou a mobilizar os políticos e meios de comunicação fazendo com que o congresso votasse em tempo bastante rápido o valor de R\$ 600,00 oferecido para cada mês de pandemia que se acreditava inicialmente que seria de 3 (três) meses. No bojo dessa iniciativa, o parlamento também aprovou projetos que no mesmo período pudessem suspender pagamentos de tarifas como energia, água e aluguel.

Todavia, não podemos deixar de mencionar que as décadas de descaso com saúde, moradia, segurança, dentre vários outros direitos historicamente negados a população mais pobre, seria mais um ingrediente a fragilizar as ações, nesse momento. A questão da renda é muito importante, mas no caso brasileiro temos outras mazelas a serem consideradas como, por exemplo, as habitações, saneamento, o acesso à água, coleta de lixo regular, acesso a saúde, transporte e educação contribuem para um cenário perfeito de proliferação da Covid-19. Pois são 35 milhões de pessoas vivendo sem acesso à água tratada e 100 milhões sem esgoto (Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento, 2018). No caso das favelas, lócus preferencial do descaso público, deveria ser o local onde o Estado devesse garantir especial prioridade, mas isso não aconteceu e os números estão demonstrando isso, no Rio de Janeiro. Como fica explícito, no quadro abaixo, sobre o perfil de crescimento dos casos de Covid-19 nas favelas, em especial na Maré que ocupa o primeiro lugar:

CONFIRMADOS	CONFIRMADOS ATIVOS
488	11
RECUPERADOS	ÓBITOS
387	90

Fonte: Boletim de 08/08/2020 - SMS | IPP | COR, Prefeitura do Rio de Janeiro.

O site da Secretaria de Saúde da Prefeitura do Rio de Janeiro tem sido usado por um grupo de jovens -, em sua maioria, egresso de projetos sociais criados pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré - CEASM. Essa e outras ações começaram de forma espontânea em função da falta de mobilidade do Estado e, logo depois, foi acompanhado por instituições como o CEASM, que também é mantenedora do Museu da Maré, Fiocruz e outros grupos e pessoas que, no geral, totalizam cerca de 100 voluntários.

Outras iniciativas de ações semelhantes têm ocorrido na Maré e isso tem amenizado o impacto da falta de renda na população, mas pelos números acima, não tem sido suficiente. Esses jovens vêm se constituindo nos últimos anos da principal força de mobilização dentro da Maré que, com o passar do tempo, viu as Associações de Moradores perderam seu poder de reunir e mobilizar a população e lutar por direitos coletivos. Somente os jovens da Frente de Mobilização da Maré, atendem cerca de 2.300 moradores de forma direta com cestas básicas e materiais de limpeza. Porém, a rede de atuação é bem maior

quando avaliamos o trabalho intenso de comunicação para prevenção da pandemia, através de cartazes, faixas, cartas, carro de som e material virtual. Essa rede de comunicação comunitária também é fruto de uma das linhas de ação do CEASM. A jornalista, escritora e comunicadora comunitária Gizele Martins (2019) adverte:

Outro dado importante é que a censura e a autocensura da comunicação comunitária ocorreram porque parte dela é criada, defendida e realizada pelos já criminalizados historicamente. O silenciamento já está presente na vida cotidiana destes corpos, afinal, a mídia comercial, esta defendida pelo próprio Estado, está concentrada nas mãos de poucas famílias do Brasil, famílias estas que não representam estes corpos favelados. Por isso, elas divulgam em suas imagens, áudios e matérias, um Rio de Janeiro que não inclui nem o nosso saber de povo, nem as violações que sofremos (MARTINS, 2019, p. 107).

Grande parte dessas iniciativas jovens pode ter se iniciado no CEASM. Em 1998, quando meu irmão decidiu que iria fazer um pré-vestibular, acreditava ser um curso realizado pela igreja católica, através do Pré-vestibular Comunitário para Negros e Carentes – PVNC. Para minha surpresa o curso era mantido pelo CEASM. Naquele mesmo ano, tive a oportunidade de trabalhar nesta instituição e ter a real dimensão do que se tratava a proposta de educação em espaço não formal oferecida pela instituição. O CEASM, instituição não governamental formada por moradores e por ex-moradores do Bairro^{iv} e que tinham em comum o fato de terem ensino superior - além do pertencimento ao território da Maré. Exemplos de trajetórias improváveis segundo Bernard Lahire (2004), ou ainda, trânsfugas como os identificou Bourdieu (2002). Nos anos 90, o IBGE –, destacou que apenas 0,54% dos moradores do bairro Maré possuíam o nível superior completo em um universo de aproximadamente 90.000 habitantes. A maior parte dos fundadores do CEASM se conheceram nos movimentos sociais da Igreja Católica. O projeto inicial tinha como objetivo oferecer aos jovens da Maré, formação política e adesão ao Partido dos Trabalhadores. Ao longo do percurso, evidencia-se o que aponta Miranda (2020, p. 21):

Novamente, aprende-se com as comunidades mais negligenciadas e com as princípios sociais, envolvidos com a garantia de condições básicas para a existência do outro da violência colonial, diante de um sistema que insiste em priorizar o mercado e excluir as populações marginalizadas.

A educação, no âmbito dos movimentos progressistas, no mundo, ganha centralidade. Na elaboração da proposta, as comissões instituídas, perceberam que seria estratégico oferecer aos diferentes grupos de moradores, um mosaico de ferramenta que ninguém pudesse tirar. Ao mesmo tempo, conseguir juntar mais pessoas com nível superior e

ampliar o número de multiplicadores dessa militância política através do ingresso no ensino superior. As lideranças sabiam que para mobilizar a Maré na luta por direitos, não poderia ser qualquer projeto. Para garantir êxito, a (o) estudante deveria ter um perfil específico: teria que ser ativista nas causas sociais e, principalmente, das causas da favela. Então se pensou, também, no fortalecimento da identidade territorial através de um projeto que valorizasse a memória local. Em 2006, esse projeto deu origem ao primeiro museu de favela do país, o Museu da Maré.

Outra estratégia utilizada foi o uso da comunicação como ferramenta disseminadora da ideia de pertencimento e assim, nasceu a proposta do jornal “O Cidadão”. Um veículo de comunicação que buscava, numa linguagem denominada de *morador para morador*, desenvolver uma alternativa à grande mídia que pautava a favela, na maioria das vezes, pelo estereótipo negativo. Buscou-se, a partir dessa outra via, valorizar os modos de viver nesse território estigmatizado com as narrativas coloniais sobre favela. Foi nesse jornal que lideranças como Gisele Martins e Renata Sousa (sendo a última, na atualidade, deputada estadual pelo PSOL e, pré-candidata a Prefeita do Rio de Janeiro), atuaram e aprenderam muito sobre resistir em contextos áridos. Constituíam-se assim, o tripé de sustentabilidade do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré - (CEASM).

Grande parte das ações da instituição se apresenta em um movimento contra hegemônico pelo aporte orientador que leva em conta a disputa pelo poder simbólico, nos termos de Pierre Bourdieu (1997), presente na escola formal, que reproduz uma cultura particular e classista - nesse caso dominante -, prejudicial aos setores empobrecidos. A essa escola formal coube o papel de legitimar um modelo de sociedade que nega, dentre outras questões, a imensa riqueza étnico-racial, cultural, histórica, de gênero, saberes populares, problemas e soluções que fazem parte de nosso país. Ciente dessa disputa por hegemonia, as (os) fundadoras (es) do CEASM não só denunciam a falsa neutralidade da escola formal, como projetam a instituição para ser um Centro, *estrutura* que oferece equipamentos e uma ambiência para o pensamento criativo dentro da Maré, espaço com 16 Favelas ; *estruturada*, pois através do Estudo procura avaliar e reavaliar suas práticas, com métodos criteriosos que a separa de outras organizações que se pautam pelo ativismo sem auto reflexão; e *estruturante* capaz de reproduzir seus valores e percepção da realidade das Favelas e assim contribuir para formação de outros jovens.

Na prática, o Centro se apresenta como uma verdadeira escola, porém com a capacidade de reproduzir os valores de uma classe social que não se vê representada nas escolas formais. E, ao contrário da escola pública onde os valores são privados e velados, o

CEASM desnuda seus interesses e papel político e se constitui em uma verdadeira “Escola com Partido” cuja causa é a Favela.

A seleção de significações que define objetivamente a cultura de um grupo ou de uma classe como sistema simbólico é arbitrária enquanto estrutura, e as funções desta cultura não podem ser deduzidas de nenhum princípio universal, físico, biológico ou espiritual, pois não estão unidas por nenhuma espécie de relação interna à “natureza das coisas” ou a uma “natureza humana” (BOURDIEU, 1970, p. 22).

Na proposta do pré-vestibular, o princípio orientador, foi o da formação de um perfil de morador (a) concebido à luz da ideia de “intelectual orgânico” de Antonio Gramsci (1891-1937). Em outros termos, com uma defesa muito mais radical em favor da valorização das favelas e de suas (seus) moradoras (es). Pois à medida que o projeto de “Escola com Partido” estrutura o pensamento contra hegemônico a ser propagado dentre os favelados, se fazia importante criar os meios objetivos capaz de levar esse educando a circular em outros campos sociais, em particular os que pudessem ecoar essa nova forma de pensar a cidade, como a academia.

A definição tradicional dos mecanismos do “sistema de educação” como o conjunto dos mecanismos institucionais ou habituais pelos quais se encontra assegurada, segundo a expressão de Durkheim, “a conservação de uma cultura herdada do passado”, ou seja, a transmissão entre gerações da informação acumulada, permite às teorias classistas dissociar a função de reprodução cultural que cabe a qualquer sistema de ensino, de sua função de reprodução social (BOURDIEU, 2013, p. 297).

No entanto, é importante perceber nas práticas dos fundadores da instituição uma crença na Educação, e não poderia ser diferente posto que todos (es) haviam alcançado o nível superior, mas não como um fim em si mesmo, ao contrário, como meio potencializador de seu projeto de mundo. Essa estratégia não é nova, como afirma Antonio Gramsci (1975):

Todo grupo social, ao nascer do terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria também, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que conferem homogeneidade e consciência da própria função não apenas no campo econômico, como também no social e político: o empresário capitalista gera junto consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito etc (SEMERARO, 2006, p. 377).

Com base nos conceitos de Pierre Bourdieu (1930-2002) e de seus estudos sobre a escola, a cultura, a economia - em especial, o conceito de *habitus*, *violência simbólica* e *campo social* -, os educandos que ali passaram, poderiam ter acesso aos principais temas sociais e a experimentar diversos bens capitais. A importância do entendimento do conceito

de *habitus*, está em fazer o educando perceber que determinados gostos culturais antes sem valor ao grupo que pertence podem ser importantíssimo na busca de estratégias para avançar em outros *campos sociais* que pode não só contribuir para superação de sua condição socioeconômica como para que membros de seu grupo de origem possam acessar os mesmos espaços. De acordo com Andrade (2007):

“A ideia básica da noção de *habitus* estabelece que a incorporação progressiva das práticas faz com que as ações percam a condição de práticas estruturadas e comecem a parecer práticas naturais, constituindo-se ‘estruturas estruturadas estruturantes’ que viabilizam a própria vida social” (Apud ARAUJO E OLIVEIRA, 2014, p. 219).

Com isso, a instituição reconhece toda violência simbólica praticada pelo Estado através da escola que em muitos casos dificultam a compreensão da realidade, ofende o estilo de vida dos educandos e promovem a naturalização e subordinação ao poder estabelecido. Porém, percebe também sua importância sem deixar de tratá-la como é de fato, uma violência, com tudo, sem negá-la essa violência simbólica, mas sim a dominá-la para instrumentalizar e promover sua inserção nos hábitos dos educandos até que lhe pareça natural e dessa forma equipá-lo das estratégias necessárias para a disputa do poder simbólico.

Passados 23 anos de seu surgimento, o CEASM contabiliza o respeito e notoriedade de especialistas e profissionais de diversas áreas, sendo premiado por diversas ações realizadas como o jornal “O Cidadão”, o Museu da Maré e por seus quase 2.000 moradoras (es), que chegaram ao nível superior, através do Pré-vestibular Comunitário -, o CPV Maré.

Uma das estudantes mais conhecidas, desse projeto de educação popular, foi Marielle Franco (1979-2018) que ingressou na Puc-Rio no ano de 2002. Eleita vereadora pela cidade do Rio de Janeiro, e no ano de 2018 sofreu perseguição e foi brutalmente assassinada (junto com Anderson - seu motorista). O crime segue sem resolução por não sabermos as motivações reais para o crime apesar do forte apelo por crime político.

Como pesquisadora, apresentou a dissertação "UPP - A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro" pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFF), no curso de Mestrado em Políticas Públicas. Assim como Marielle Franco, podemos listar importantes contribuições realizadas por ex educandos (es) do CEASM, que se converteram em educadoras (es) e profissionais que pesquisam em diferentes campos. Dentre elas a pesquisa de doutorado de Humberto

Salustriano da Silva (2018), professor do curso, a discussão realizada inclui as trajetórias escolares e as experiências de segregação urbana. Nas suas conclusões está a seguinte ênfase:

Destacamos a enorme capacidade dessa juventude de se (re) inventar ao longo de suas trajetórias, mesmo em meio a grandes dificuldades. Sublinhamos também o papel positivo da escola em seus processos de aprendizagem e como que essa juventude soube aproveitar dela, tudo aquilo que se mostrou possível de se absorver da estrutura que estava disponível (SILV 2018, p.205).

A análise é relevante por compreender os esforços exigidos por esses educandos com a ausência de condições estruturais. No decorrer dos anos 1990 para 2.000, os dados do CENSO Maré 2.000 já demonstravam uma mudança bastante significativa no quadro educacional do bairro. Dos 0,54% de moradores com nível superior na Maré presente no Censo do IBGE (2000), chegou-se a 1,6% no ano de Censo Maré (2000). Muito pouco quando comparado a uma única rua de um bairro nobre do Rio de Janeiro, mas bastante impactante quando pensado no potencial de uma única instituição em um período onde ainda se começava a discutir a adoção de Políticas de Ações Afirmativas no ensino superior.

O CPV-Maré (Curso pré-vestibular comunitário) do CEASM seguiu à esteira de muitos cursos preparatórios de entrada nas Unidades de Ensino Superior para alunos de baixa renda da década de 1980. Esse fenômeno comunitário teve como elemento motivador a pressão frente ao aumento da taxa de escolarização no país, o surgimento de universidades públicas que acompanhasse esse processo e a falta de qualidade nas escolas oferecidas aos mais pobres combinados com pré-vestibulares particulares que eram muito caros e com um nível em que os educandos de escolas públicas não tinham como acompanhar. O início do presente século foi acompanhado de muitos incentivos para ampliação do ensino superior no país, inclusive com ações afirmativas. Porém, durante muito tempo esse esforço governamental não foi acompanhado de qualidade e tão pouco de aumento das vagas, segundo Simon Schwartzman (1998, p.11):

O setor público praticamente não cresce mais. O que é um resultado, aparente, do esgotamento de recursos econômicos do governo federal e dos Estados para investir mais no Ensino Superior, dado, sobretudo, os altos custos per-capita dos sistemas públicos.

Nesse sentido, a ideia de montar cursos preparatórios para as provas do vestibular teve como objetivo incidir na formação já obtida e ampliar as chances de ingresso em instituições públicas. Sabe-se que, nas instituições de formação básica as questões das desigualdades sociais se refletem na falta de preparo das crianças e jovens, além disso,

enfrenta-se condições que interferem no desempenho intelectual do corpo discente. Antony Giddens (1991) em seu livro “As Consequências da Modernidade” afirma que nas sociedades modernas:

[...] as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente seu caráter (GIDDENS, 1991, p.14).

Ao longo desses 23 anos de existência, muito dos jovens que passaram por essa instituição passaram a fazer parte de várias iniciativas populares no campo da cultura, educação, direitos humano dentre outros. E passaram também a contribuir na promoção inclusive de políticas públicas que visassem enfrentar problemas não só da Favela, mas da sociedade como um todo.

Grande parte do desempenho dos jovens que passam pela instituição está na superação, nada fácil, das necessidades objetivas calcadas no “agora”, para a projeção de um projeto mais ambicioso e desconectado da realidade de seus pais. É preciso compreender que as práticas efetivadas no espaço escolar são decorrentes, em grande parte, dos *valores* desenvolvidos pelos agentes em seu processo de socialização e posicionamento social. Daí a importância de estudar trajetórias e performance de jovens militantes universitários da Maré, a partir do *senso prático* mobilizado para superar os limites do seu cotidiano.

À guisa de conclusão

Este artigo é fruto de uma pesquisa maior realizada com investigadoras (es) da Maré, mais especificamente no Núcleo de Estudos e Pesquisa Sociais da Maré - NEPS. Esse grupo foi formado em 2000 após se chocarem com resultados apresentados pelo CENSO MARÉ 2000. A maioria de nós havia acabado de entrar na universidade e já havíamos começado nossa militância, no entanto percebíamos que só coletar os números censitários não seria suficiente para responder determinadas questões. Dentre os vários resultados negativos apresentados, escolhemos dois deles para pensar uma pesquisa. Acabamos por desenvolver dois projetos de pesquisa, um ligado ao número de crianças fora da escola que era de 6,8% e isso não se dava por falta de escolas, mas por um processo de descolarização que precisava ser investigado e outra era para entender o impacto na família causado com a entrada de um de seus membros na universidade.

Mesmo ficando bem avaliados no edital organizado pela Puc-Rio chamado Amostra Puc-Rio, segundo lugar em duas categorias, os projetos não conquistaram apoio

financeiro. Ainda assim demos seguimentos aos dois e tempo depois, conseguimos apoio da Fundação Ford, contudo a pesquisa com universitários não foi concluída por falta de experiência nossa e a outra com Criança em processo de Descolarização se transformou em uma pesquisa com o nome Nenhum a Menos e acompanhou por dois anos 60 (sessenta) crianças fora da escola sendo metade da Favela Nova Holanda e a outra da Favela Nova Maré. Os resultados podem ser vistos no livro: Nenhum a menos... e muitos esforços a mais! A experiência de inclusão escolar de crianças e jovens do bairro da Maré, no Rio de Janeiro. - Rio de Janeiro: Redes de Desenvolvimento da Maré, 2008. Ao longo do tempo o grupo teve um processo irregular em seus trabalhos, mas desde o ano passado tem voltado a se reunir com mais intensidade e agora não só com graduandos, mas doutores e mestres.

Todavia, a instituição mantém seu foco na educação realizada em espaço não formal, ao longo de mais de duas décadas e privilegiando a formação de novos quadros de ativistas de causas sociais e garantia de direitos. Na atualidade, o esforço tem sido para o combate a pandemia, provocada pelo Covid-19 e que segue impactando a vida nos territórios mais vulneráveis.

Preocupada com o sentimento de pertença local desde sua primeira iniciativa, em 1997, com a implementação de um curso pré-vestibular comunitário que teve como peculiaridade, o fato de todos (as) os (as) professores (as) serem moradores (as) e ex-moradores (as) o debate sobre identidade tem sido uma das suas marcas e, essa preocupação se materializou em cada passo dado pela instituição, a começar pelo próprio nome - Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré. É possível afirmar que a caracterização de práticas sociais, na forma como está apontada, anteriormente, pode contribuir para a análise das estratégias cotidianas dos universitários da Maré. É fundamental compreender suas relações com o espaço local, as estratégias formais e informais até então utilizadas, para o ingresso no ensino superior.

Do mesmo modo, é importante considerarmos os limites e possibilidades de realização de suas perspectivas profissionais e existenciais, a partir das ferramentas disponibilizadas pelo processo vivenciado no CEASM. A fase que atravessamos, por conta das crises sanitária e política, revelou múltiplas questões sobre justiça e direitos sociais. Nesse bojo, estão as conquistas educacionais ameaçadas e o papel das instâncias tais como o CEASM.

Interessa-nos atribuir a escolarização um papel central no duplo processo de superação do atraso econômico, do autoritarismo e dos privilégios, e de construção de uma nova sociedade, justa, moderna (centrada na razão e nos conhecimentos científicos) e

democrática (fundamentada na autonomia individual). Supunha-se que por meio da escola “instituição neutra”, pública e gratuita, todos teriam igualdade de oportunidades, logo as pessoas iriam competir como iguais e os que se destacam por seus dons pessoais seriam levados “por uma questão de justiça” a posições superiores da hierarquia social (NOGUEIRA, 2002), mas já sabemos que isso não vai acontecer.

Não se pode negar que esta visão da educação ainda permanece no senso comum de grande parte da população brasileira, mas, segundo Pierre Bourdieu (2002), esta organização das hierarquias sociais, em hierarquias simbólicas, permitiria a legitimação ou justificação das diferenças e da própria hierarquia, motivo pelo qual, o indivíduo que ocupa posições elevadas, entender-se-ia como merecedor desta posição que ocupa e não, como o resultado de uma dominação. Dominação está que irá se apresentar nos códigos linguísticos e requintes culturais que contribuirão para que o próprio dominado se veja como membro de uma sociedade particular.

Ao contrário, as (os) jovens universitárias (os) da Maré têm feito das ações coletivas, um projeto de realização de uma coletividade empenhada com a emancipação das famílias do território. Tudo isso a partir de um projeto educacional impulsionado nas fissuras. São diferentes fases desafiadoras, como ocorre agora, com a crise sanitária mundial e não obstante, ganha outros contornos. Novas adesões são possíveis na medida em que os elos se fortalecem promovendo ambiências de maior engajamento e percepção da demanda social a ser enfrentada agora com a espera de uma saída. As apostas na favela da Maré se coadunam com a movimentação de instituições de pesquisa empenhadas em campanhas de saúde pública, em contra narrativas e perspectivas sobre as próximas fases dessa crise política, sanitária e humanitária.

Referência

ARAÚJO, C. M. & OLIVEIRA, M. C. S. L. *Contribuições de Bourdieu ao tema do desenvolvimento adolescente em contexto institucional socioeducativo*. UFSJ EDU, 2014. Disponível: encurtador.com.br/jtuw3. Acesso 1 de agosto de 2020.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, P. *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática*. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo, Ática, 1983a.

- _____. *Gostos de classe e estilos de vida*. In: ORTIZ, R. (org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo, Ática, 1983b.
- _____. *A gênese dos conceitos de habitus e de campo*. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.
- _____. 1994. *O Poder Simbólico*. Lisboa, Difel.
- _____. *O novo capital. Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1998. Bourdieu, Pierre. *Escritos de Educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CAMPOS, A. *Dos quilombos à favela. a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010
- CASTELLS, M. (2000), *A Questão Urbana*. São Paulo, Editora Paz e Terra.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, M. H. G. *Declaração do Brasil para a Cúpula Mundial da Educação de Dakar*. Disponível em: www.inep.gov.br. Acesso em: 22 maio 2002.
- CENSO DEMOGRÁFICO 1990. *Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 1992.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2000. *Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.
- CHARLEAUX, João Paulo. “Como a pandemia prova a importância da coisa pública”. Nexo, 2020. Disponível: encurtador.com.br/zDH03. Acesso em: 15 jul. 2020.
- COLLAÇO, Matheus. “Até R\$ 28 mil: auxílio durante a pandemia pode ser 15 vezes maior fora do Brasil”. Brasil Econômico, 2020. Disponível: encurtador.com.br/ejz67. Acesso: 9 ago.2020.
- CORRÊA, D. “Witzel prorroga medidas restritivas de isolamento social no Rio”. Agência Brasil, 2020. Disponível: encurtador.com.br/yAOUW Acesso: 9 ago. 2020.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 36ª edição. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014¹.
- GOFFMAN, I. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GRAMSCI, A. *Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GIDDENS, A. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- IBGE. 2003. *Metodologia do Censo Demográfico 2000*. Rio de Janeiro: IBGE.

INBEC - Instituto Brasileiro de Educação Continuada. “*Mais de 35 milhões de brasileiros não possuem abastecimento de água tratada e quase 100 milhões não têm acesso à coleta de esgoto*”. Mercado, 2019. Disponível: encurtador.com.br/aefkX. Acesso em: 9 ago. de 2020.

JUCÁ, B. “Moradores das favelas sonham com casa e negócio próprios em 2020, mas sem otimismo por segurança”. *El País*, 2020. Disponível: encurtador.com.br/hpqTW. Acesso em: 9 de ago. 2020.

LAHIRE, B. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARTINS, G. *Militarização e Censura: a luta por liberdade de expressão na favela da Maré*. Rio de Janeiro: NPC, 2019.

MENDONÇA, H. “Viver com 413 reais ao mês, a realidade de metade do Brasil”. *El País*, 2019. Disponível: encurtador.com.br/cgmT6. Acesso em: 9 de ago. de 2020.

MIRANDA, C. Poblaciones afrobrasileñas y COVID-19. Ethos comunitario y otras formas de lucha. In: SEPTIEN, R. C. *La pandemia racializada: debates desde la afroepistemología*. Buenos Aires: CLACSO, 2020.

_____. Educação Ambiental, educação das relações étnico-raciais e as confluências no campo dos direitos humanos: dos quilombos às favelas. In: LOUREIRO, C. F. B. (org). *Pensamento Ambientalista numa sociedade em crise*. 1ed. Macaé: Editora da UFRJ, 2015, v. 1, p. 225-248.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições. Campinas, SP: *Revista Quadrimestral de Ciência da Educação – Educação & Sociedade*, 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. *Bourdieu & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NORA, P. “Entre memória e História: a problemática dos lugares”. In *Projeto História. São Paulo, Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História*, Vol. 10, dez, 1993. p. 7-28.

SANTOS, C. A. P. dos. *Projeto Laboratório Fuvest*. Associação Cultural Síntese, 2003.

SÁNCHEZ, F. *A reinvenção da cidade para um mundo mundial*. Chapecó: Argos, 2003.

SÁNCHEZ, F. *A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política*. Rev. Sociol. Polit. Curitiba, n. 16, 2001.

ⁱ Licenciado e Bacharelado em Geografia e Meio Ambiente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio; Mestre em Educação pela UFRJ – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e

Pesquisador do NEPS – Núcleo de Estudo e Pesquisa Sociais do CEASM – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré. E-mail: lourencocezar@hotmail.com. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-1399-429X>

ⁱⁱ Marielle Franco fez parte da primeira turma de estudantes do Curso pré-vestibular do CEASM, no ano de 1998.

ⁱⁱⁱ No ano de 2018, nossa ex aluna Renata da Silva Souza (Renata Souza), formada em jornalismo, redatora, e ativista dos direitos humanos, foi eleita deputada, no Rio de Janeiro, pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

^{iv} Bairro Maré localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, entre a AV. Brasil e a Linha Vermelha. Composto por 15 favelas, configura no IBGE como a favela mais populosa do estado, com 140.000 habitantes no CENSO IBGE 2010.